

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Palestra na Universidade São Marcos em 12 de agosto de 2004

Abertura do ciclo *Universo do Conhecimento*

“O homem e o novo cenário geopolítico internacional”

Boa noite a todos. Ao mencionar aqui o nosso chanceler dr. Olavo Drummond, eu quero agradecer as referências tão carinhosas que me fez, assim como ao magnífico reitor da nossa universidade, dr. Ernani Bicudo de Paula. Não posso deixar de me referir a Luciane Miranda de Paula, que tem sido a incentivadora de tantas atividades aqui, bem como ao Márcio Miranda de Paula e a todos que se deram ao trabalho de vir essa noite aqui, certamente um trabalho não pelo o que lhes vou dizer hoje, mas pela continuidade do que será dito nas subseqüentes sessões, um trabalho que vale a pena.

O tema que me pediram sobre o qual eu devesse falar hoje à noite, aqui, é um tanto complicado: o homem diante dos desafios geopolíticos contemporâneos. Vamos por partes. Como alguma vez escrevi, eu fui educado numa época, aqui na Universidade de São Paulo, em que os professores eram basicamente franceses e os franceses têm uma predileção especial pela dissertação, ensinam a fazer dissertação. Eu nunca aprendi bem, mas eles ensinam que é preciso ter diversas partes. Em geral, a dissertação tem três partes. Será um número mágico? Não sei. Mas os que leram Júlio César em “De bello Gallico” hão de se lembrar que começa dizendo assim “Gallia est divisa in partes tres...” e por aí vai. A Gália é dividida em três partes. A idéia de três é quase misteriosa. Então eu vou dividir também a minha exposição em três partes para que nós possamos começar com a inspiração de César.

Na verdade, na primeira parte eu quero conversar um pouco sobre o que significa esse mundo de hoje em termos geopolíticos e como se relaciona isso já com aquilo que é o objeto fundamental dessa série de palestras, que é o conhecimento. Talvez a primeira grande surpresa do mundo recente tenha sido a forma pela qual desabou o mundo soviético. Por quê? Porque o mundo antes estava dividido em dois grandes blocos. Havia sempre uma terceira parte também, que eram os não alinhados, mas na verdade a dinâmica do mundo vinha sendo dada depois da Segunda Grande Guerra Mundial pelos dois pólos de poder representados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, o mundo ocidental e o comunismo, etc. Havia muitas hipóteses sobre o que aconteceria, quais seriam as previsões de reorganização do mundo. Havia mesmo nos Estados Unidos especialistas em “sovietologia”, que tomavam da fotografia, quando aparecia algum desfile no Kremlin, na Praça Vermelha, e começavam a analisar quem está perto de quem, não sei o que, várias hipóteses, toda uma espécie de fabulação a respeito dos meandros do poder soviético. Nunca ninguém imaginou, entretanto, que na verdade o mundo soviético tivesse desabado sem que fosse por influência de forças alheias a ele, mas senão que foi internamente e que talvez na raiz dessa desorganização, que foi no final quase que uma precipitação, se devesse à falta de conhecimento. Na verdade, no crescimento imenso que nós assistimos do mundo soviético em certos momentos havia mesmo uma espécie de competição, os soviéticos orgulhosamente foram os primeiros a mandar o Sputnik, a colocar, portanto, em órbita extraterrestre seres humanos e por aí foi, crescia a taxas de crescimento surpreendentes, enormes represas hidroelétricas, etc. Mas tudo esteve baseado numa imensa concentração de poder no Estado e também da decisão do Estado de concentrar recursos de conhecimento em certas áreas. Faltou o que veio a ser – e que é hoje o traço característico da sociedade contemporânea -, a disseminação do

saber, do conhecimento. O conhecimento deixou de ser alguma coisa concentrada na mão de poucos, dos ricos, dos muito cultos e dos poderosos, para ser crescentemente uma condição de sobrevivência de todos. Depois eu volto ao tema. Isso criou na União Soviética uma impossibilidade de levar adiante a competição com o mundo soviético e a incapacidade mesmo de dar o grande salto, que era de passar da capacidade específica de realizações tecnológicas para a capacidade da produção de uma sociedade global, que fosse uma sociedade capaz de, baseada na informação, avançar.

Eu participei alguma vez, nos anos 80, ainda em pleno regime soviético, na época do Gorbachev, de uma reunião na que eles chamam de “datcha”, que é a casa de campo do primeiro-ministro da União Soviética, que ainda assim se chamava. Foi uma reunião organizada por um eminente economista francês e político, o primeiro-ministro da França, Raymond Barry, que tinha a intenção de colocar em contato uma série de dirigentes de empresas do mundo europeu com os dirigentes soviéticos no período do Gorbachev, quando já estava havendo um começo de alteração do sistema político, do sistema de poder na União Soviética. Eu era senador e ele me convidou para assistir, não como senador, mas porque ele tinha interesse em fazer algo semelhante no Brasil mais tarde, ele Raymond Barry. Eu fui portanto anonimamente, o que é sempre um privilégio, e tive a possibilidade de passar três dias fechado naquela casa de campo. Era frio, muito mais que hoje, era um inverno pesado na União Soviética, perto de Moscou. Assisti a um debate que me marcou muito, que foi o debate entre os dirigentes de empresa ocidentais e os dirigentes de empresa do mundo soviético, inclusive com o ministro da Fazenda que depois tentou dar um golpe no Gorbachev, e vários outros personagens importantes do mundo soviético. Numa certa altura, o debate entre eles foi esclarecedor. O representante de uma empresa multinacional européia, que exportava açúcar e outros produtos de alimentação para a União Soviética, perguntou aos que estavam na contraparte: “Eu estava habituado a conversar com fulano de tal (que era o homem do “gloss plan”, do planejamento central) e com ele fazia negociação. Agora com quem eu faço?” Disseram: “Agora, não. Agora nós estamos começando a mudar, vai fazer com o chefe de uma empresa soviética”. Ele disse: “Mas como é que eu posso ter certeza, ao fazer a negociação com ele, que ele vai me pagar? Como é que eu posso saber se a empresa dele está em bom estado?” Disseram: “Ah, bom, isso não se tem como”. Porque o regime não estava baseado em critérios nem de transparência, nem de contabilidade moderna. Agregando uma outra conversa entre outros dirigentes também dos dois lados, um dirigente do, na época, maior complexo de produção de certos setores siderúrgicos soviéticos estava presente e um europeu perguntou a ele: “Como você realiza a sua programação?” Ele disse: “Olha, aqui a programação é muito complexa e simples, porque eu tenho que entregar um certo número de mercadorias, tenho que arranjar a matéria-prima e os componentes onde seja e o preço não tem importância”. E ele criticando esse fato, o próprio soviético: “Na minha empresa, eu produzo ferros de engomar, asa de avião” e por aí vai. Quer dizer, não havia especialização e não havia a noção de custo-benefício introduzida no sistema produtivo, havia apenas a questão das metas a serem atingidas. Isso mostra que essa sociedade não tinha capacidade de se adaptar rapidamente a situações novas e não dispunha dos instrumentos mínimos de generalização do conhecimento e da informação. Um diretor de um banco explicou o seguinte: “Aqui o meu banco é imenso e ele tem agências na Criméia. Os documentos bancários vêm da Criméia para Moscou de caminhão”. Num momento que aqui no Brasil, por causa da inflação talvez, já todo mundo estava mais do que habituado a usar técnicas bastante mais avançadas de transmissão da informação.

Bem, de alguma maneira isso enrijeceu aquela sociedade, tornou-a incapaz de confrontar com o novo mundo que surgia e por aí ela caiu. Ao cair o mundo soviético, houve uma grande aposta de que provavelmente nós iríamos

marchar para um mundo, pensando em termos geopolíticos (que é o que foi pedido), um mundo multipolar. Entre a Queda do Muro de Berlim e os dias de hoje houve muita dúvida sobre qual vai ser a organização política desse mundo que se está criando. Progressivamente, o que nós verificamos foi algo um pouco mais complicado e um pouco menos prazeroso do que o que imaginávamos como mundo multipolar. Na verdade, não se pode dizer que exista um mundo unipolar; existe hoje a China, existe a Europa, existe a Índia, alguns países emergentes como o Brasil mesmo, enfim é um mundo mais diversificado. Mas a verdade é que a concentração do poder ainda é muito grande e, sobretudo, há uma disparidade entre a capacidade que esse poder maior tem de atuar e a capacidade que os outros pólos têm de também atuar militarmente, financeiramente, tecnologicamente e até culturalmente com propostas de modelos culturais que possam vir a ser divulgadas.

Isso criou e cria uma situação bastante embaraçosa e complicada. Por quê? Porque no bojo dessa reorganização do mundo a dimensão que mais chama atenção é a inexistência de canais institucionais que permitam uma discussão em nível global entre os poderes. E crescentemente a organização que foi criada para isso, que são as Nações Unidas, de alguma maneira ficou pouco efetiva em termos da implementação de decisões e continua sendo uma organização absolutamente essencial, mas é a única que se tem, depois da Segunda Guerra Mundial, como instrumento de colocar algum princípio de ordenamento dentro do mundo global. E ao mesmo tempo as instituições que foram criadas para fazer face a esse mundo global se tornaram também instituições acanhadas para o tamanho do desafio que estava presente. Que instituições são essas a que me refiro? Depois de 45, 46, na reorganização do mundo ainda na vigência da União Soviética, da bipolaridade, algumas instituições foram sendo moldadas, além das Nações Unidas. Uma foi o Conselho de Segurança. O Conselho de Segurança foi o instrumento pelo qual se chancelava uma ordem estabelecida por quem havia vencido a Segunda Guerra Mundial. Então têm assento no Conselho de Segurança os vencedores da Segunda Guerra Mundial, fossem eles democráticos ou não. Lá está a China, está a Rússia, está a França, está a Inglaterra, estão os Estados Unidos. Esses cinco têm poder de veto no Conselho de Segurança. Quando eles não querem que alguma coisa aconteça, levantam o braço e acabou, o processo é interrompido automaticamente. Então é o princípio que é plural, porque são cinco, mas que não é democrático, porque as Nações Unidas cresceram e têm muito mais do que cinco. Houve uma certa compensação nesse Conselho, que foi o aumento do número de assentos nele, de países que são eleitos ad hoc por dois anos para o Conselho, mas na verdade o poder real está na mão dos cinco que têm o veto. Além do mais, em termos de base para esse poder há que acrescentar que também a concentração do poder atômico, o poder de destruição maciço, tem certo peso nas decisões, mesmo por parte dos países que não tomam parte no Conselho de Segurança. Pois bem, esse órgão de alguma maneira foi ficando, também ele, pequeno para resolver as grandes questões do mundo. As pressões de todos os países se multiplicaram e (fato novo, também adiante mencionarei outra vez) crescentemente organizações que não são estatais, organizações não governamentais, passaram a ter peso de influência nos órgãos das Nações Unidas. Não obstante, as Nações Unidas foram constituídas e são até hoje uma associação de Estados e não de nações. São de Estados e quem decide são os representantes dos Estados. Então, de alguma maneira mesmo, as Nações Unidas, que é o que de mais avançado foi criado pela humanidade em termos de colocar ordem na geografia e na política internacionais, tem-se a impressão de que não consegue cumprir completamente o seu papel. Não preciso entrar em detalhes. Recentemente, com a Guerra do Iraque, a decisão unilateral de alguns países mostra claramente que numa certa altura, se as Nações Unidas não vão na direção que os países mais poderosos desejam, eles atuam sozinhos. Têm depois dificuldade para garantir o resultado da sua ação, mas eles atuam sozinhos.

Pois bem. Os outros órgãos que foram criados para assegurar esse desenvolvimento do mundo mais organizado foram o Banco Mundial, a Organização Internacional do Comércio e o Fundo Monetário Internacional. Esses são os pilares da ordem internacional, antes mesmo da queda do mundo soviético. Até então havia uma espécie de divisão, porque o mundo soviético não participava do Fundo Monetário, não participava da Organização Internacional do Comércio e não participava do Banco Mundial. Portanto, essa ordem nova criada depois da Segunda Guerra Mundial ficou um tanto capenga porque não conseguiu ser totalmente abrangente. Mas, mais grave do que isso, mesmo tomando-se em consideração aqueles que participam e mesmo tomando-se em consideração o que aconteceu depois da queda do Muro de Berlim e de que crescentemente todos estão participando: a China recentemente entrou para a Organização Mundial do Comércio, mas acontece que esses órgãos também não têm uma abrangência suficiente para fazer frente aos desafios do mundo contemporâneo.

Tomemos, por exemplo, o Fundo Monetário Internacional. O Fundo Monetário foi criado por meio de uma discussão muito séria e a preparação muito grande de grandes economistas. Talvez o mais destacado deles tenha sido o representante da Inglaterra, Lord Keynes, que era um grande economista e que participou das discussões, da preparação e dos debates em Breton Woods, que foi a cidade em que houve a reunião preliminar para a criação desse Fundo. Acontece que nesses debates havia uma contraposição entre Lord Keynes e os interesses americanos, representados por um senhor chamado Deksel White, que era o secretário da Fazenda dos Estados Unidos, de finanças, do Tesouro dos Estados Unidos enfim. Qual era a discussão? Lord Keynes dizia: “Se nós vamos ter um mundo mais organizado, um novo mundo, se nós vamos nos preparar para abrir esse mundo para as correntes de comércio, é preciso que haja uma instituição que possa funcionar como uma espécie de Banco Central dos bancos centrais”. O que dizer isso? Qual é a grande característica que tem um Banco Central? É que ele emite moeda, em dado momento ele dá liquidez ao sistema, ele resolve impasses de falta de recursos colocando recursos à disposição. Então dizia Lord Keynes: é preciso que o Fundo Monetário tenha uma moeda própria para que ele tenha força para realmente evitar que haja crises ocasionais financeiras pelo mundo afora e que ele tenha poder. Sem consultar os poderosos, ele possa resolver no âmbito das decisões técnicas, digamos assim, do Banco Mundial, resolver os impasses. Isso não foi aceito pela representação americana. Por quê? Porque a representação americana queria que o dólar fosse a moeda básica de sustentação de todo esse sistema. Só muitos anos depois é que foram criados os chamados “direitos especiais de saque”, que é uma moeda especial que o Fundo Monetário tem para correr. Então desde o início houve dificuldade em definir realmente um órgão que pusesse ordem no sistema financeiro. Estava se vendo que a aceleração do comércio iria provocar também crises financeiras, porque não havia um mecanismo que lubrificasse esse sistema de trocas que se estava começando a generalizar. Esse impasse continua até hoje, além de outros impasses como, por exemplo, o Fundo Monetário em um país como o Brasil tem uma participação no direito de voto que é só metade do da Bélgica. Não há nenhuma razão para isso. Quer dizer, não houve mais uma espécie de ajuste ao crescimento de certos países, se congelou essa situação e, o que é pior, crescentemente os recursos disponíveis pelo Fundo Monetário passaram a ser pequenos diante de outro fenômeno (a segunda parte do que eu vou falar) que foi o da globalização. De alguma maneira, o Fundo Monetário não é tão poderoso hoje quanto foi no passado. Como ele não é tão poderoso hoje quanto foi no passado, quando uma crise é muito grande o recurso é apelar a quem tem esse poder. E quem tem esse poder é o Tesouro americano. Então na verdade quem dá as cartas do Fundo Monetário é o Tesouro americano. Então é muito importante o relacionamento com o Tesouro americano na hora da crise do que com o Fundo Monetário, porque é lá que se vai tomar a decisão que tem peso. Mas mesmo não tomando em consideração esse aspecto, olhando só no aspecto quantitativo a capacidade efetiva que o Fundo Monetário pode

ter hoje para resolver uma crise, na experiência brasileira é fácil ver que essa capacidade é muito menor do que foi no passado. No passado, quando o Fundo Monetário apoiava um programa, os mercados financeiros se acalmavam porque o Fundo estava dando o aval. É de recente memória o que aconteceu no ano 2000, para não pensarmos no que aconteceu em 1998, que foi a mesma coisa: o Fundo Monetário apóia, dá os recursos, muitos bilhões, no caso de 2002 foram US\$ 40 bilhões, e os mercados não param a especulação. Só pararam depois, por causa do comportamento do novo governo, que foi de acordo com as expectativas que eles tinham. O Fundo não foi suficiente para breçar a crise. Ou seja, é um tigre, eu não diria que é de papel, mas já não tem aquela força de musculatura que o tigre teve no passado. Eu não vou entrar em cada instituição dessas para não cansá-los, mas o Banco Mundial hoje é a mesma coisa. Hoje, todo mundo fala do Banco Mundial. O BNDES, no Brasil, tem mais recursos para aplicar em empréstimos do que o Banco Mundial para o mundo. Aqui nós nos queixamos da falta de apoio do governo aos empresários e tal, mas imaginem o que significa o Banco Mundial em nível internacional, é muito menor do que a gente imagina. Então essa ordem mundial está dessa maneira. Ela não está congelada propriamente com o que aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial porque houve um desbalanceamento pela crise do mundo soviético. Então mudou, houve um pouco mais de pluralismo, mas se viu que houve uma espécie de volta ao predomínio muito forte de um país ou de um pequeno bloco de países e as instituições internacionais não avançaram suficientemente para que pudessem se democratizar mais e mesmo para que pudessem ter mais efetividade, mais eficiência nas suas ações. Talvez até a Organização Mundial do Comércio seja aquela que tem um pouco mais de capacidade de fazer com que seu ditame seja aceito pelo conjunto dos países. Nós acabamos de ganhar algumas causas, que foram iniciadas no meu governo e que se ganhou agora, que foram a do algodão e do açúcar, que têm importância. E assim em várias situações tem havido alguma capacidade de ordenar através dessas negociações. Mas são negociações penosíssimas, difíceis de serem feitas e a cláusula que tem vigência na Organização Mundial do Comércio, pouca gente sabe, é uma cláusula draconiana, porque só tem valor um acordo quando esse acordo é apoiado por todos os países que são parte da organização. Ora, são cento e tantos países, imaginem a dificuldade negocial que existe em chegar a um acordo desse tamanho. Acordos menores como Mercosul com União Européia, hoje mesmo houve uma espécie de perda de velocidade porque a União Européia apresentou certos obstáculos. Imaginem quando tem que discutir com todos. Essa é a situação das conseqüências sobre a vida das pessoas, das sociedades, em termos do equilíbrio geopolítico que foi estabelecido depois da Segunda Guerra Mundial, apesar das modificações mais recentes.

Aí entro na segunda parte do que eu queria expor aqui aos senhores e às senhoras. Paralelamente a esses processos, que são propriamente de poder, portanto políticos, de quem ganha a guerra, o que acontece com o mundo soviético, a força relativa que tem cada Estado, etc., nós presenciamos no mundo contemporâneo um outro processo, que é um processo bastante veloz e de conseqüências globais. É o que se chama de globalização. O que é na essência esse processo de globalização? É da natureza do regime capitalista uma certa expansão. Um país como o Brasil já é fruto disso, a expansão do capitalismo comercial lá atrás. Isso foi num crescendo, é da natureza o intercâmbio, o comércio. Entre os autores do século XVIII, Montesquieu, por exemplo, tinha uma esperança imensa no que ele chamava "le douce commerce", etc, etc, o comércio suave que civilizaria os povos, permitiria uma democratização e a criação de valores mais aceitáveis por todos. Enfim, no século XVIII já a Europa estava preparada para perceber os efeitos do comércio, portanto de uma visão de um mundo que era mais amplo. Eu mencionei Montesquieu porque vale a pena ler "O Espírito das Leis", onde ele toma em consideração uma imensa diversidade de experiências históricas, mostra que há uma diversidade efetiva, cada uma dessas experiências gera suas próprias lógicas, gera suas próprias leis. A natureza das leis não é imutável, tem uma certa vinculação histórica, mas ele já está pensando o mundo, não

está pensando a França e não está fazendo como os jus naturalistas fizeram antes: como é que eu vou fundamentar o Direito, como é que eu vou fundamentar a obrigação? Pensavam em termos do ser humano, da razão, que o homem é idêntico a si mesmo em toda parte, é dotado de razão e a partir da razão é que depois vou derivar quais são as conseqüências que me levem à moral, à obrigação, etc., etc. Montesquieu não pensa assim, ele pensa na variabilidade das regras que são produto da construção histórica. Portanto, já está se tomando conhecimento de que há algo além de cada país.

Pois bem. Isso nos últimos tempos se acelerou fortemente. Por que se acelerou fortemente? De novo é o conhecimento. De novo é o conhecimento porque houve uma verdadeira revolução do conhecimento que transformou profundamente primeiro os sistemas produtivos e depois os sistemas sociais, que é a terceira parte a qual me referirei. Os sistemas produtivos foram transformados profundamente por quê? Porque houve uma espécie de “abre-te Sésamo” quando houve o avanço nas ciências da comunicação, quando foi possível ter descobertas suficientes para que, através da digitalização, se fizesse o computador. A partir daí o mundo mudou. Isso mudou ontem, mudou ontem. São modificações que foram se incorporar à dimensão humana e à dimensão das relações produtivas, no mundo todo, há muito pouco tempo. Vou lhes dar só um exemplo a título de curiosidade. Em 1971, eu era professor da Universidade de Stanford, professor visitante, nos Estados Unidos. Em 71 havia a Guerra do Vietnã e nessa época já havia um movimento pacifista muito forte nos Estados Unidos. Então a Universidade de Stanford, que é uma universidade de elite nos Estados Unidos, era objeto de manifestações diárias. Ao mesmo tempo, havia um local nessa universidade que era chamado Centro de Inteligência Artificial. Eu tinha um amigo que era chileno e trabalhava nesse Centro de Inteligência Artificial. Hoje é uma coisa muito rudimentar, eu fui algumas vezes lá, levava até meus filhos para ver porque era divertido. Para começar, no Centro de Inteligência Artificial havia muitas fotografias do Che Guevara, o que parece estranho num país que estava em luta no Vietnã. Os rapazes e moças que trabalhavam ali eram todos de cabelo comprido, a Califórnia ainda tinha resquícios muito fortes do movimento dos hippies. Gravata, meu Deus, seria uma ofensa. Mas estavam revolucionando, não eram eles os únicos, mas ali estavam revolucionando o mundo. Por quê? Eu vi o começo de umas máquinas que hoje são as automações que existem, estavam começando a aprender a colocar um cubo em cima do outro. Nos jardins desse Centro de Inteligência Artificial havia uma placa que dizia: “Cuidado, o carro anda sozinho”. Havia uma tentativa de fazer com que houvesse automóveis que tivessem inteligência, estavam tentando colocar inteligência nos seres inanimados. No computador que eles tinham lá, que tinham criado por distração, para se distraírem, havia um personagem que era neurótico e outro que tinha mania de perseguição. Quando se falava com esse computador, esse computador a uma certa altura se indignava com você: “Não é da sua conta, não tenho que te responder”. Tinha mania de que estava sendo perseguido. (risos) Isso foi em 71, isso tudo era quase brincadeira. Hoje, qualquer fábrica aqui no Brasil é robotizada, qualquer fábrica mais sofisticada é robotizada e hoje nós nem poderíamos pensar o mundo sem o computador. Como é que nós vamos fazer funcionar o sistema dos aeroportos, do transporte de carga, dos ônibus, das escolas? Isso passou a ser incorporado de tal maneira à nossa vida que é impensável como é possível funcionar sem isso. Mas nós funcionávamos sem isso perfeitamente, não sei se bem, mas até pelo menos os meados dos anos 80. Ou seja, nós estamos assistindo a uma transformação com uma velocidade enorme e é uma transformação que afeta todo mundo e que afeta sobretudo porque ela separa quem é capaz de usar esse instrumental e quem não é. O analfabetismo digital é tão trágico ou pior do que o analfabetismo, porque separa as pessoas do mundo que avança, do mundo que é dinâmico.

Mas não foi só isso. Houve, simultaneamente, uma revolução nos meios de transporte, houve a de comunicação, com todo o sistema de informatização, e nos meios de transporte, na velocidade dos meios de transporte.

De alguma maneira, o tempo e o espaço começaram a ser algo com dimensões muito diferentes do que eram o tempo e o espaço há 50 anos. Isso permitiu o quê? Permitiu que uma empresa deslocasse seu sistema produtivo a nível do globo e que ela pudesse controlar o seu sistema produtivo num só ponto, e esse ponto em contato com todos os outros pontos. Isso muda profundamente todo o processo produtivo, para o bem e para o mal. Quem for aos Estados Unidos agora verá que lá se discute com muita ênfase a questão do que eles chamam de “outsourcing”, que é o seguinte: as empresas multinacionais americanas estão crescentemente fechando fábricas nos Estados Unidos e colocando na Índia, na China, no México e não sei onde mais. Por quê? Para otimizar os fatores de produção, leva a fábrica para onde a mão-de-obra é mais barata. E não é só a mão-de-obra, é mão-de-obra especializada; onde tem gente que seja capaz de funcionar nesse nível moderno, lá está o setor produtivo. De alguma maneira, essa revolução tecnológica que aconteceu obrigou a uma revolução que é mais ampla, que é a do conhecimento mesmo, e criou condições para novas formas de organização da produção, que não respeitam (estou exagerando) fronteiras nacionais. Não respeitam nem as fronteiras dos Estados poderosos (me referi ao caso dos Estados Unidos). E mudam numa velocidade incrível.

Houve uma outra transformação muito importante, que é o que se chama de agregação de valor. Não se dá mais diretamente sobre a base material. É claro que sempre tem uma base material, mas é uma agregação de valor simbólica do conhecimento. Quando se vai produzir soja no Brasil (para dar um exemplo direto nosso), aquela semente de soja tem uma sofisticação imensa, ela contém um trabalho intelectual de pesquisa, de inovação e de seleção equivalente ao trabalho que se tem para desenhar um avião novo. A separação entre o que era a produção primária da agricultura, a secundária da indústria e a terciária dos serviços está desaparecendo. Há uma fusão grande entre tudo isso e tudo isso está sendo revolucionado pelo conhecimento, por novas formas de conhecimento e pela maneira como se organiza tudo isso. Hoje é tão importante produzir uma marca quanto produzir o produto, ou produzir um estilo quanto produzir o tecido no caso dos têxteis. Isso tudo é imaginação, é conhecimento. Nós efetivamente estamos vivendo numa sociedade do conhecimento, que foi suscitada e empurrada para diante por essas descobertas que ocorreram nos últimos 50 anos.

Para lhes dar um outro exemplo, eu trabalhei num outro lugar nos Estados Unidos, em Princeton. Lá tem um negócio chamado Instituto de Estudos Avançados de Princeton, que foi criado pelo Einstein quando o Einstein foi para lá. Einstein era físico teórico, nunca inventou nada concreto, mas Einstein foi para lá em 30 e tantos e lá nesse local houve teorias que serviram de base para o desenvolvimento do computador. Portanto, muito recente também, é experiência do (pelo menos dos mais velhos) transcorrer de uma vida. É uma revolução que eu creio que nunca houve, nem no Renascimento, mas precisaria comparar com mais detalhes para saber. Quando eu digo isso, muitas pessoas dizem: “Ah, você está tendo uma visão apologética dessas questões”. Não, não é verdade. Falo já de algumas conseqüências que não são boas. Mas a verdade é que há que reconhecer que nós estamos presenciando transformações que não tiveram paralelo na História. Talvez vá se buscar lá atrás, quando os gregos tiveram capacidade de entender certos processos, ou no Renascimento. São mecanismos deste alcance. Evidentemente que durante o Renascimento a injustiça social era enorme, o fato de ter produzido uma cultura extraordinária não quer dizer que tenha resolvido os problemas das pessoas. Mesma coisa com esse processo que nós estamos vivendo agora. Até porque (já entrando no final da segunda parte) esses processos todos que nós vivenciamos nessas últimas décadas são bastante cruéis e são bastante, digamos, exclusivistas.

Do século XIX em diante, os economistas passaram a discutir as teorias econômicas em função basicamente da teoria da exploração: é preciso que haja empregados para que os empregados trabalhem, alguns tenham capital e

outros tenham trabalho. Havia a exploração do homem pelo homem. Todo o socialismo nasceu da crítica da exploração, etc. Pois bem, a situação atual é mais complicada, porque há imensas porções da humanidade que não são nem exploradas, nem exploráveis, são postas à margem pelo setor dinâmico, porque elas não servem para os fins do setor dinâmico. Mas são seres humanos. Em geral se fala da África, de parte da África, mas eu diria que em cada sociedade existem partes semelhantes a isso que estão à margem dessas transformações. E essas transformações, inclusive no que diz respeito ao resultado econômico, da acumulação de recursos, ao bem-estar dos que estão envolvidos nisso, independem dos outros num certo sentido. Em outro sentido não, porque os outros são muitos. De alguma maneira, se nós não resolvermos os problemas morais e de solidariedade em formas políticas de atuação, esses muitos num dado ponto podem criar embaraços sérios para esses poucos, que não são tão poucos assim mas que estão embarcados numa sociedade mais dinâmica. Quem vê o que está acontecendo na Europa, hoje, percebe que a Europa de alguma forma, como se esquivou das responsabilidades da guerra, do risco da guerra e também de jogar recursos na guerra (isso ficou por conta da Rússia, dos Estados Unidos, da China), a Europa ficou muito próspera e teve a sabedoria, como está tendo, de definir formas novas de convivência. Estão discutindo a Constituição europeia, estão reorganizando o Estado Nacional, sem abolí-lo, mas de alguma maneira criando uma instituição supra-estatal ou supranacional que possa regulamentar as relações entre os europeus. Mas vive com medo dos africanos. Estão, com sabedoria, tratando de assimilar os setores que vêm do mundo oriental, o antigo mundo soviético, estão incorporando à Europa, mas com muitos problemas com as imigrações. Por outro lado, o perfil demográfico europeu é um perfil de que a população decresce, precisa de imigração. Então esse mundo que prospera, que é fantástico, etc., cria muitos problemas para si mesmo ao não generalizar-se. E não se generaliza. Então não estou aqui fazendo a apologia do “maravilhoso mundo novo”, estou analiticamente descrevendo que houve uma transformação imensa e que nós temos que registrar essa transformação e raciocinar a partir dela, senão não vamos poder propor qualquer tipo de política que tenha eficácia, que tenha capacidade de transformar a realidade sobre a qual nós queremos operar.

De qualquer maneira, dando um fecho a essa segunda parte, o fato é que as economias se globalizaram, e se globalizaram a partir dessas transformações, de revoluções tecnológicas extraordinárias, e houve um outro processo (aí vinculando a primeira parte com a segunda parte). Isso tudo avançou muito mais depressa e integrou muito mais setores da humanidade do que as instituições formais de regulação do mundo. De alguma maneira, o setor produtivo hoje, queiramos ou não, está integrado. É até cansativo nas televisões, nos rádios, nos jornais, é o dia inteiro dando notícias sobre quanto valeu o C-Bond, quanto valeu o mercado de Tóquio, o mercado não sei de onde. Para quem não está informado, isso não forma sentido. Mas por que informam tanto? Porque realmente é assim: se os que têm noção das coisas não prestarem atenção ao que está ocorrendo nesses mercados muito distantes, mas que vão repercutir em toda parte do mundo, não têm condições de se posicionar. É como se nós estivéssemos num jogo de bilhar: atira numa bola, pode bater na outra, pode bater numa terceira ou pode cair na caçapa. Então depende. O tempo todo nós estamos vendo gente jogando bilhar com as nossas vidas, com as nossas chances de vida, porque o mundo se integrou de tal maneira, com esses novos instrumentos de comunicação e com a volatilidade, com a fluidez com que se pode transferir capital e mesmo base produtiva de um lugar para outro, que efetivamente hoje este mundo está integrado. Mas não a ordem política dele. Como eu indiquei na primeira parte da minha exposição, a ordem política ainda é antiga e está ainda bloqueada, não há instituições que processem politicamente aquilo que já ocorre na vida econômica, que são transformações que afetam globalmente. A política não é assim ainda, a política ainda é uma política muito mais tradicional, se eu posso dizer assim, e baseada nas estruturas que foram montadas antes dessas revoluções todas.

Mas a sociedade mudou (que é a terceira parte para poder chegar à questão do ser humano), as formas de sociabilidade mudaram muito com tudo isso. Os que aqui conhecem a sociologia sabem que há uma distinção clássica de um alemão chamado Töennies. Há duas formas básicas, segundo esse autor, de sociabilidade, quer dizer, do modo como as pessoas se relacionam umas com as outras: umas são comunitárias e outras são societárias. Ele fala em alemão: “Gemeinschaft” e “Gesellschaft”. São duas formas básicas de relacionamento das pessoas. Comunitária é quando você tem a relação face a face e você convive na mesma experiência, como a família. Família é uma comunidade, tem um local, convive geograficamente. A tribo é uma comunidade também. Um depende do outro, podem dividir suas funções, suas tarefas, os homens vão para a guerra, as mulheres vão para a agricultura, os homens vão caçar, as mulheres cuidar. Enfim, pode-se fazer uma separação por gênero ou o que seja, mas um precisa do outro para poder sobreviverem juntos. Cada um tem a sua função separada, mas exerce aquela função integralmente, um faz só agricultura, outro faz só caça. As relações são dessa natureza. As societárias são relações de contrato, podem não ter presença, não ter afetividade nenhuma. Nas comunitárias se desenvolve afetividade. Nas de contrato, não, é uma relação racional: eu desejo isso, você está de acordo ou não está, eu faço ou não faço. Tem muitas formas de associação que são assim: você entra num partido por contrato, partido não é uma comunidade, você escolhe e não vive o tempo todo nele, você está de acordo com certas propostas; você entra numa empresa assim também, faz uma associação com A, com B ou com C; se forma uma empresa, você vai porque quer e aquilo você pode destratar, terminar o contrato. Na comunidade você não destrata. Na família você pode separar o vínculo matrimonial, mas o pai e a mãe com os filhos têm um vínculo permanente efetivo. Essa distinção é clássica, é simples, todo mundo então a utiliza, tem algum valor informativo e tal.

Hoje, as coisas são mais complicadas. Graças a certos processos que ocorreram, houve, por um lado, a possibilidade, que é concreta, de uma interação à distância. Nós hoje mesmo estamos aqui e graças aos meios modernos de comunicação as pessoas não precisam estar presentes para estar acompanhando. Aqui ainda é uma coisa que a pessoa recebe a informação e não reage, mas hoje tem muitas formas interativas à distância. Hoje, com esses mecanismos de conversa, nesses acordos que se faz para ter uma conversa em “chats” permanentes pela Internet, você cria uma teia imensa de relações com pessoas que nunca viu na vida. Você cria não apenas relações no plano afetivo, mas cria relações também no plano das decisões que você vai tomar. Vou dar só um exemplo. Eu estive na Espanha uma semana antes da última eleição. Como aqui se disse, eu sou presidente desse Clube de Madri, que é um clube composto por 44 ex-presidentes democráticos. Então eu fui lá para a reunião um pouco antes das eleições que iam ocorrer na Espanha. Eu tenho muito relacionamento com muitos setores da Espanha, do rei aos chefes dos dois partidos principais, o Aznar e o Felipe Gonzales. Conversei com eles todos, não havia dúvida, o partido do primeiro-ministro, o presidente do Conselho como eles chamam, ganharia as eleições. Mas aconteceu aquele ataque terrorista em Madri; em função do ataque terrorista em Madri e da forma como o governo anunciou quem seriam os responsáveis pelo ataque terrorista, anunciou que seria o ETA, um grupo terrorista local, que negou, ficou patente que havia uma certa manipulação. E o que aconteceu? Aconteceu que os espanhóis em dois dias mudaram o voto. Mas como eles mudaram o voto? Não foi nem pela Internet. Está na moda lá esse telefone que recebe mensagens, muito mais do que aqui. Houve uma pesquisa feita em Barcelona, que mostra o seguinte: o grau de frequência das mensagens e a que horas, então deu para fazer uma série de ilações para se ver que foi através disso, que é uma comunicação muito veloz, e que foram os jovens (por causa da hora, já que se supõe os velhos dormindo mais cedo). (risos) Enfim, em função da hora, eles verificaram que foram os mais jovens. Ou seja, um instrumento que não passou por partido nenhum, não passou sequer pelo jornal, foi direto, funcionou como se fosse uma comunidade, pessoa a pessoa. Então é curioso ver essa espécie de reviravolta que um meio frio, técnico, que podia ser muito útil na empresa,

ele também propicia novas formas de sociabilidade e aproxima as pessoas mesmo à distância. Isso é um fenômeno interessante que está ocorrendo.

Aqui se mencionou que fui encarregado desse “panel” sobre relações entre as Nações Unidas e as organizações não governamentais. O que está acontecendo nesse nível? Eu mencionei, de passagem, que as Nações Unidas são uma associação de Estados. Mas desde a Conferência do Rio de Janeiro de 92, que foi a conferência sobre o meio ambiente, na verdade quem fez andar tudo aquilo foram muito menos os Estados e muito mais a própria sociedade através dos movimentos sociais, das ONGs, dos ambientalistas, dos ecologistas de todo tipo. As Nações Unidas nos últimos dez anos, desde 92, realizaram várias grandes conferências, uma em Beijin sobre as mulheres, outra no Cairo também sobre as mulheres, mas mais sobre demografia e sobre família, tendências demográficas, uma outra sobre racismo em Dublin, outra sobre ecologia, mais recentemente, em Johannesburg. Enfim, várias conferências internacionais tocando temas que são fundamentais, temas novos. Ecologia, por exemplo, há 20 anos pouco se falava disso, a primeira reunião sobre ecologia foi em Estocolmo em 71 ou 72. Infelizmente, o Brasil naquela ocasião teve uma afirmação dramática, disse “bendita poluição”, porque nós tínhamos a idéia de que tínhamos que fazer fábricas, como os russos fizeram na União Soviética e estragaram o meio ambiente, aquele produtivismo sem tomar em consideração o ser humano e os outros aspectos da vida. Paradoxalmente foi o Gorbachev quem primeiro levantou essa questão de uma maneira vigorosa, quando ainda era primeiro-ministro da Rússia. Ele foi contra a bomba atômica, disse que a bomba atômica destrói todos os lados e descobriu, sendo chefe da União Soviética, que o meio ambiente não podia ser tratado como se fosse uma questão só de um Estado nem de uma classe. Eu acho que só isso valeu ao Gorbachev uma posição, a meu ver, de destaque na História do mundo contemporâneo, porque ele percebeu a dimensão ecológica e que ela destrói as velhas percepções baseadas em Estados e em classes. Aí a humanidade volta a aparecer como sujeito, não é a pessoa só, não é o Estado tampouco, é a humanidade, somos nós todos, dando um sentido concreto a uma idéia que em geral é vaga de humanidade. O fato é que essas conferências foram trazendo esses temas novos. A questão de gênero também abriu um debate importante. Hoje ninguém nem sabe que isso foi propulsionado muito fortemente pela reunião de Beijin, porque em toda parte se discute, o tema está na televisão. Racismo também. Há 30 anos no Brasil não aparecia negro na televisão, já hoje... Então essas coisas estão mudando o mundo e estão mudando o mundo em função de que as sociedades, apesar da rigidez da ordem mundial, apesar da assimetria dos resultados dessas novas descobertas e da globalização, que é injusta, cria países mais poderosos do que outros, cria setores da sociedade mais poderosos do que outros, apesar de tudo isso (por causa mesmo dos meios de comunicação, não só a imprensa, ela também), nessas novas modalidades de comunicação as idéias circulam também muito mais depressa e se redescobre dimensões humanas, para juntar com o tema aqui do homem diante do desafio da geopolítica. Não é fácil fazer essa ligação entre o homem e a geopolítica em termos de homem concreto ou de mulher concreta. De alguma maneira, nós não podemos ter uma visão simplesmente pessimista desse novo mundo que está aí, apesar, reitero, das suas assimetrias, desigualdades e injustiças. Ele também ocasiona novas dimensões e mobiliza de formas novas as pessoas. Nas Nações Unidas, nesse “panel” que eu dirigi, qual era a questão? A questão é que hoje, crescentemente, grupos que não são Estados fazem pressão junto às Nações Unidas para que eles tenham voz e eventualmente até voto, o que é mais difícil porque as Nações Unidas representam Estados. Em geral, a primeira reação dos Estados é a seguinte: não, não, as organizações não governamentais não têm voto, portanto não têm legitimidade. É um pouco capciosa a argumentação, porque muitos dos que lá estão não tiveram voto nenhum, são ditadores, não tiveram voto, estão lá porque dominam um território, têm o poder, têm a força. Mas digamos que uma boa parte não seja assim, que tenha voto. Acontece que a legitimidade buscada pelas organizações não governamentais é intrínseca à natureza da causa pela qual lutam. Elas têm capacidade de mobilizar e de eventualmente serem escutadas, dependendo de

estarem defendendo a boa causa ou não. Quem tem voto, depois que tem o voto, pode defender a causa que quiser porque está legitimado pelo voto. Não é bem assim, hoje em dia é mais complicado do que isso, há o processo de deliberação. Na verdade, hoje, crescentemente, a sociedade quer participar do processo de deliberação. Curiosamente, está havendo uma outra inversão, até etmológica. A noção de civismo, ou mesmo de política, de “pólis”, vem de “civis”, de cidade. A política se dava na cidade, o civismo na cidade. Hoje isso se dá no plano cosmopolita, não é mais no plano da cidade, é do cosmos, são tendências cosmopolitas que estão em funcionamento. Não se trata propriamente de uma generalização da cidadania, que é uma coisa que faz sentido num país, é necessária, mas está ligada aos direitos de cidadão. Aqui está se buscando talvez os direitos da pessoa, mais fundamentais ainda do que os do cidadão. Dos cidadãos são direitos políticos. No caso da ecologia é em nome da pessoa, no caso da igualdade entre sexos é em nome da pessoa, é alguma coisa mais forte ainda. Eu tenho para mim que esse núcleo de valores mais fortes é o núcleo que deve ser preservado como base para qualquer ordem futura. Por quê? Se nós formos pensar no que aconteceu recentemente, nós temos a diversidade cultural: ou nós aceitamos essa diversidade cultural como aceitou Montesquieu, ou então nós vamos ter que impor alguma cultura. Vejam o caso do Iraque agora, e ninguém vai defender Saddam Hussein. Por razões que já vou explicitar quais são as minhas, mas também é paradoxal imaginar que é possível implantar uma forma de democracia igual à nossa no Iraque. Será possível? Talvez, mas leva tempo. Nenhuma tentativa de implantar esse tipo de transplante cultural que não tenha base local dá certo. O Japão teve uma modificação profunda depois da Segunda Guerra Mundial, perdeu a guerra e teve uma modificação profunda, mas o Japão já tinha passado pela experiência Meiji, não era uma coisa totalmente posta lá, havia alguma raiz. Eu vi recentemente um artigo do professor Alfred Stephan a respeito do mundo muçulmano e os árabes. Ele mostra nesse artigo, com muita clareza, que há muitas nações muçulmanas onde a democracia funciona tranquilamente; mais difícil é fazer com que funcione quando a base é das antigas tribos árabes. Não é por ser muçulmano mas pelo fato de ser da tradição nômade tribal de certo mundo árabe. Não sei se é certo ou se é errado, o que eu quero chamar a atenção é para o seguinte: se nós não formos capazes de definir qual é o núcleo básico que pode servir de justificativa para uma visão universal e cairmos na tentativa de transformar a nossa particular cultura em universal, estamos fazendo uma violência. Como é que se faz a separação? A tortura não é aceitável, por isso digo que Saddam Hussein é inaceitável. A discriminação contra a mulher não é aceitável. O crime contra a natureza, o crime ecológico não é aceitável. Há um grupo de valores que eu acho que podem vir a ser verdadeiramente universais, pensando numa geopolítica mais adiante. Toda gente sabe que um dos maiores filósofos alemães, Emmanuel Kant, escreveu um livro onde ele fala da paz universal e propõe que exista uma espécie de um só código para o mundo todo, um código cosmopolita. Há um filósofo alemão atual, Habermas, que tem falado muito disso, na criação de um espaço público. E é verdade, o ideal seria que nós tivéssemos regras de valor universal. Mas a proposta de regras de valor universal e de uma organização internacional que pudesse colocar em vigor essas regras universais tem que ser feita desde que se considere quais são essas regras, senão se mata a diversidade cultural. E a diversidade cultural é como a diversidade biológica, ela é necessária para a continuidade da produção de culturas. Quando houver uma homogeneização total, sabe Deus que monstruosidade nós estaremos criando. Como compatibilizar essa ânsia de algumas regras gerais universais de respeito efetivo, porque dizem respeito a pessoa, com as outras regras culturais que dizem respeito a outras dimensões da pessoa enquanto parte de uma cultura política? Não é fácil, mas é o desafio que está pela frente.

O que eu estou tentando transmitir a vocês é que, com todas essas transformações ocorridas no mundo, com toda essa evolução, houve efetivamente formas diversas de organização do modo como as pessoas atuam e reagem, cada um de nós. Não é só a produção que é global, mas a ONU, que tem aspiração a ter uma regra mais geral, e cada um de nós mudou, tendo consciência ou não, mudou o seu relacionamento. E essa mudança tem potencialidades

positivas. Pode não se conseguir chegar a elas, como tudo na vida humana é assim, não se tem de antemão um resultado, mas é preciso projetar. Há dificuldade no que diz respeito ao modo como a pessoa humana se organiza nesse sistema tão rapidamente variável que nós vivemos, todos nós sofremos, numa geração, modificações tão fundamentais e a dificuldade desse relacionamento eu acho que é inegável, mas a possibilidade também existe. Como é difícil, muito freqüentemente as pessoas tendem a resistir ao novo e se fecham, se fecham e passam a ter uma atitude negativista. Não aceitam nada e buscam formas do que eu chamo de “utopias regressivas”, como se fosse possível neste mundo, com essa base tecnológica enorme, viver como se não existisse, à moda antiga de Adão e Eva. Não dá. Mas há muitas formas de resistência e é compreensível. Não se deve, a meu ver, descartá-las somente porque são regressivas, porque elas estão espelhando aí uma insatisfação, que o mundo novo não é bom para elas. Então elas têm que ser registradas como alguma coisa politicamente válida. Posso dar até um exemplo, às vezes perigoso: o MST para mim é isso. Eu sempre tentei até conversar com eles, porque, a meu ver, têm uma utopia regressiva. Mas estão apontando para um fato que não é regressivo, é que tem gente que não tem terra mesmo e não tem como trabalhar. Então como é que se maneja esse mundo? Esse é o exemplo mais circunscrito a nós, mas quantas formas de ação de tipo regressivo têm ocorrido no mundo? A Organização Mundial do Comércio, cada vez que se reúne, há uma pancadaria imensa nas ruas das cidades. São formas regressivas. A Organização Mundial do Comércio ajuda os países a se desenvolverem, as pessoas não percebem isso. E não percebem isso por quê? Porque ela não ajudou suficientemente, porque o que ela fez até agora foi pouco, então as pessoas confundem alhos com bugalhos e querem acabar com ela, não percebendo que ao acabar com ela piora porque, aí sim, o acesso ao mercado vai ser muito mais difícil. É uma forma regressiva de reagir, mas tem base na insatisfação diante da falta de flexibilidade e rapidez das instituições, que já deviam estar mais avançadas para fazer frente a esse mundo novo.

Outros regredem de outra maneira que é mais difícil de ser viabilizada hoje em dia. Como o mundo se globalizou, a produção se globalizou, a Internet salta fronteiras, etc., alguns ainda pensam que o Estado-nação pode se fechar, que pode viver quase autarquicamente. É uma ilusão, hoje em dia isso é inviável. A China é um exemplo disso. A China depois de viver algum tempo, por outras razões, mais isolada, hoje faz de tudo para sair do isolamento e para interagir de maneira que interesse a ela, como deve ser a cada país. Cuba não conseguiu sair do seu isolamento porque os Estados Unidos não deixaram, mas a verdade é que fica congelada ali, não vai para adiante, não vai para a frente. Mas há setores da humanidade que ainda pensam que a reação a esse processo geopolítico e de modificação tecnológica pode dar-se através de um refluxo ao que foi a força do Estado nacional no passado, então fecham as fronteiras, têm um Estado forte, faz o crescimento econômico, distribui a renda. Não pode mais. Tem que fazer tudo isso, tem que distribuir a renda, tem que produzir, mas tem que ser de outra maneira. Essa outra maneira, para poder ter legitimidade, para ser aceita, é preciso que haja propostas, tem que ser propositiva. Não há proposta sem alguma utopia, desejar alguma coisa que não está em lugar nenhum. Utopia quer dizer que não está em nenhum lugar. É o novo. O novo já aconteceu e vai continuar acontecendo no setor produtivo. Ainda não aconteceu nas relações internacionais, no setor político, e está engatinhando no que diz respeito às sociedades, que começam, sim, a se inter-relacionar de forma mais aberta, saltando os condicionamentos do passado. Mas ainda não existe uma força suficiente para fazer com que aqueles que são os donos do poder atuem em conformidade com as potencialidades que a situação atual já permite, porque o desenvolvimento tecnológico é brutal, a acumulação é brutal. Já é possível avançar muito mais, mas os donos do poder, amplo senso, principalmente os donos mesmo, que são as grandes corporações internacionais e os grandes Estados nacionais (mas sem eximir a nós próprios e a mim mesmo de participar de alguma maneira do setor que é dominante no sistema global) não foram ainda sensibilizados pela dinâmica das novas movimentações da sociedade para incorporarem essas dimensões, que mencionei, de mais igualdade de gênero e de

raça, mais atenção à questão ecológica, enfim, essas dimensões que podem fazer um homem novo e naturalmente uma mulher.

Não obstante, eu acho que é preciso nunca deixar de olhar agonicamente para a História. Pode ser que sim e pode ser que não. Isso tem que ser vivido quase que dramaticamente, para lembrar um texto da literatura dramática brasileira, tem que ser vivido quase que dramaticamente porque é um drama. Mas o desfecho do drama não está posto. Quando alguém reconhece que não tem força para mudar, acabou, deixou de viver. A vida é correr o risco, é tentar avançar.

Então, para encerrar esta breve síntese de coisas bastante amplas (e me desculpem por ter saltado tão rapidamente temas que mereciam se mergulhar mais profundamente), digo que a despeito de tudo continuo bastante confiante no ser humano, que é capaz de muita barbaridade, mas também de muita generosidade. Vamos nos juntar para o lado da generosidade. Muito obrigado. (aplausos)